

14200004

Uma idéia para salvar o Pantanal

Para salvar o Pantanal, o futuro governador do Mato Grosso do Sul conta com a ajuda de um trunfo poderoso: o estado de São Paulo, "onde fica sediado o quartel-general da única força capaz de pôr fim à matança do que nos resta de fauna. Se o povo paulista continuar pressionando e exigindo uma trégua nessa chacina violenta, essa força, o II Exército, entrará em ação" — declarou Wilson Barbosa Martins (PMDB), que em março assume o governo estadual.

"Assumo principalmente uma dívida de Cr\$ 100 bilhões junto às empreiteiras, fornecedores e, principalmente, bancos particulares. Com os cofres vazios e os credores rondando o palácio, não vou poder criar novas estruturas administrativas, capazes de impor paz, segurança e respeito à natureza. Minha esperança é a opinião pública, é o espírito de civismo e patriotismo que leva a população a clamar contra o extermínio das riquezas que formam o chamado patrimônio nacional. Com essa ressonância, clamor ou repercussão, ficará mais fácil para eu dialogar com os comandantes de área, para juntos acharmos uma solução permanente que reponha segurança na vasta região pantaneira, hoje vivendo dias amargos na condição de terra de ninguém, de fronteira de um faroeste sangrento e bárbaro" — afirmou, em resumo, o advogado, professor e fazendeiro Wilson Martins.

Wilson Martins se define como "um menino que adorava correr atrás dos bandos de emas, caietus, veados e ariranhas que existiam nos subúrbios de Campo Grande, nessa periferia onde hoje se alongam as favelas e escasseiam até passarinhos comuns". Para conceder essa entrevista ao JT, interrompeu o retiro ou concentração que vinha fazendo próximo à capital sulmatogrossense, em sua fazenda "Pontezinha", "onde me refugio das levadas humanas que me procuram para pedir emprego ou sinecura, e onde posso fazer minhas reflexões num ambiente que para mim é sinônimo de céu: num capão de mata virgem onde ainda distingo o pio de jaós, macucos, perizes, saracuras e os rnsados de um ou outro gato do mato..."

— E quando não resisto, passo a mão numa varinha e vou para a beira de algum córrego ou riacho, tentar fugar um pacu ou quem sabe um pintado... — confidencia o futuro governador desse Estado criado há quatro anos e pouco, também revoltado com a matança de dois milhões de animais silvestres no ano passado.

"A série de reportagens do *Jornal da Tarde* sobre o Pantanal foi como uma luva atirada à cara da sociedade, intimando-a a lutar ou acovardar-se ante um inimigo que ameaça destruir nosso mais importante legado aos nossos netos, que é esse Pantanal exuberante e lindo. Não sei se todos tiveram a minha reação, pois me senti ferido nos brios com a gravidade das denúncias, dando-me conta do universo complexo e maravilhoso que estamos perdendo. E claro que aceitei o duelo proposto, o desafio lançado, estou procurando gente capaz e insuspeita, que conheça do riscado e esteja à altura dessa missão difícil que vai ser barrar os quadrilheiros paraguaios e bolivianos, impedindo-os de invadir nossas fronteiras, corromper os ribeirinhos e aliciar cúmplices por toda parte para levar a cabo sua tarefa sinistra de matar e dilapidar, apavorando famílias e ultimamente acionando seu armamento pesado para eliminar nossos soldados mais devotados" — continuou o professor Martins, na sala de reuniões de seu escritório de advocacia, em Campo Grande, ladeado por assessores e à espera do pecuarista e empresário Lúdio Martins Coelho: "Foi ele quem mostrou-me que o jacaré não ataca ninguém, só come piranhas e é extremamente vulnerável aos ataques humanos — basta bater-lhes forte com um pau, descaideirando-os, para eles ficarem paralisados e à mercê do atacante. O Lúdio entende um bocadinho dessas coisas..."

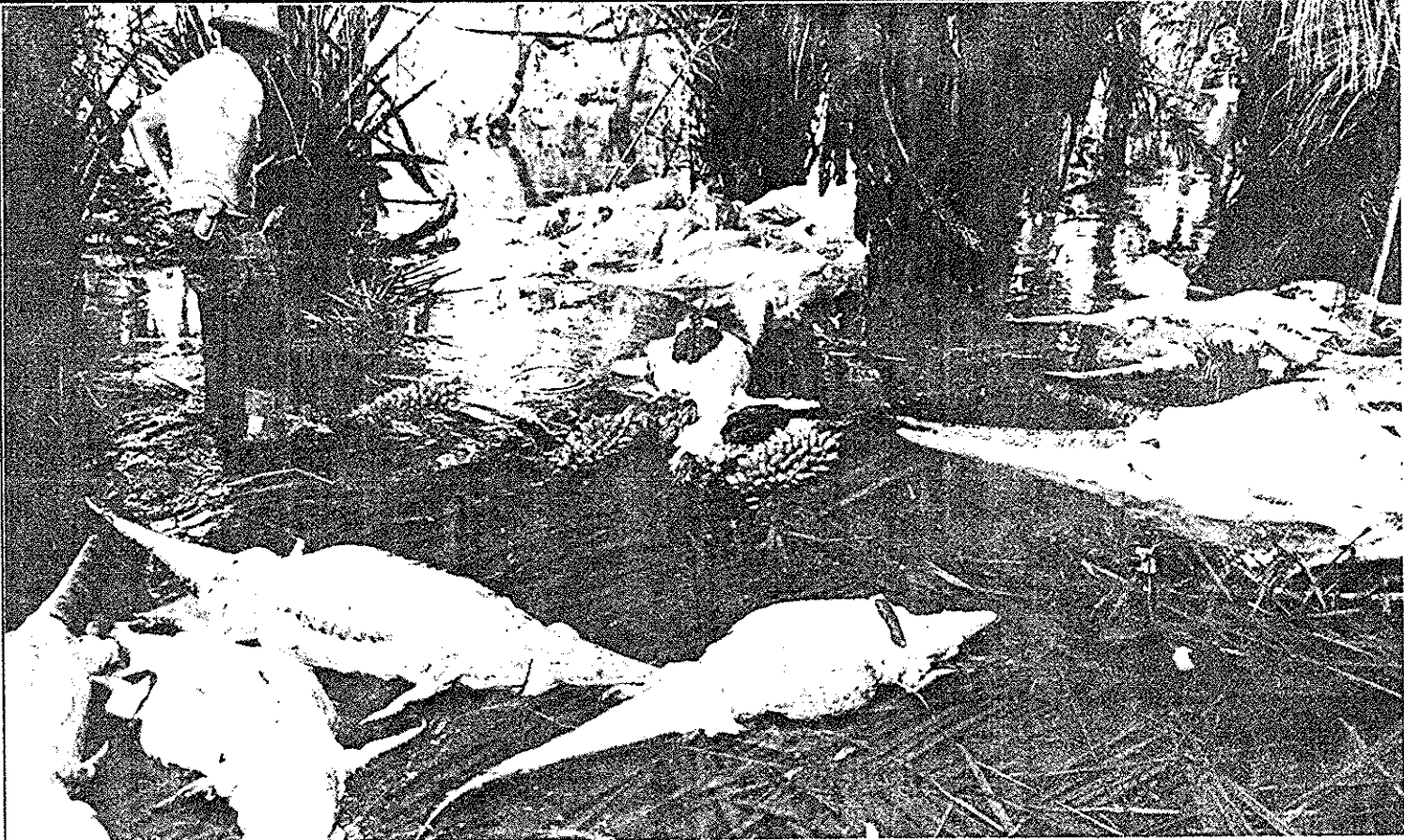
Cota fixa
O pecuarista chega à reunião defendendo a tese de que os fazendeiros devem ser amparados por uma legislação mais energética, que torne compensável ou válida a tarefa de capturar os quadrilheiros: "Prender um bandido desses, sabendo que a Polícia irá soltá-lo em seguida, é inútil e temerário; acarreta perseguição ao fazendeiro e sua família; não adianta nada".

Lúdio Coelho (proprietário de um dos maiores rebanhos de gado do País, pai do jovem Lúdinho, seqüestrado e morto há algum tempo) acha que o fazendeiro deve receber uma cota fixa de animais que podem ser abatidos. Não que precise dessa fonte de renda alternativa, explica, ilustrando a conversa com um exemplo sobre "a multidão" de jacarés que as lagoas e baías do Pantanal costumavam abrigar: "Um preteito amigo meu pediu-me uma ajuda e eu dei-lhe que ele fosse a uma baiazinha de uma fazenda minha, das mais pequenas. Ele tirou duas mil peles grandes dali, das mais valiosas..." — revela com jeito cândido o fazendeiro, para depois ratificar a vulnerabilidade e fragilidade dos grandes saúrios: — É muito fácil acabar com eles — prossegue Lúdio Coelho (em dúvida entre assumir a Prefeitura de Campo Grande ou a Secretaria de Indústria e Comércio na administração estadual, que ajudou a eleger: ele contribuiu financeiramente com o PMDB, revelam os assessores de Wilson Martins, aplicando entre Cr\$ 180 e 200 milhões na campanha eleitoral), mas muito difícil evitar que sejam exterminados. Só mesmo com a ajuda da União...

A notícia da morte do soldado Eluser Vital de Albuquerque é decorrência da falta de importância atribuída à conservação da natureza no País, concordam o governador eleito e seu maior eleitor, depois de fazerem as contas e verificarem que o dinheiro arrecadado com a comercialização de dois milhões de peles cotadas a 13 dólares a unidade poderia reabilitar as finanças do Erário Público, injetando-lhe quase Cr\$ 72 bilhões. Isso sem contar com o fato de o País possuir pelo menos 20 milhões de pescadores, turistas e interessados na fauna, com bom poder aquisitivo, que poderiam justificar uma sólida indústria turística. Ou com o valor do pescado extraído de suas águas.

Wilson Martins promete delegar a secretaria de Segurança a uma pessoa "energética e competente, um nome que inspire respeito e possa reformular esse setor hoje desaparecido tanto em recursos humanos quanto em termos de equipamentos, como a morte do soldado por hemorragia veio comprovar mais uma vez. E que possa dialogar ao meu lado com as autoridades militares, para que desse entrelaçamento de esforços resulte alguma solução para acabar com a chacina, com a vergonha nacional que é a destruição do Pantanal".

Diálogo inevitável
O diálogo com as autoridades militares é de vital importância: as Forças Armadas



A cena comum no Pantanal: jacarés mortos sem as peles, vítimas dos "coureiros".

A idéia é do futuro governador do Mato Grosso do Sul: apelar às Forças Armadas para que impeçam a continuação da atividade criminosa de quadrilhas paraguaias e bolivianas que devastam a fauna do Pantanal. Reportagem de Randau Marques, enviado especial.



Restos de jacarés jogados nas águas



Wilson Martins, o governador eleito.

são as únicas a dispor dos equipamentos sofisticados ou apropriados ao avanço de tropas em ambiente aquático, em terreno paludícola, tais como: jipes anfíbios, lanchas especiais, helicópteros e aviões; armamento potente e um sistema de comunicação eficiente. O governador eleito promete entrar em contato com os comandantes militares para uma ação conjunta nos 13 municípios de fronteira, "onde esses bandoleiros passam com as peles a serem beneficiadas pelos curtiúmes estrangeiros. Só um combate articulado, permanente e intensivo, pode restaurar a segurança nessas regiões, eliminando-se os focos de contrabandistas de couro e cocaína, cortando-lhes o acesso às terras brasileiras através de uma vigilância constante, por terra, por ar e por água".

Entre os órgãos que dispõem desses equipamentos e recursos estão, na 9ª Região Militar, com sede em Campo Grande e comando geral em São Paulo, o 9º Grupo de Artilharia de Campanha de Nioaque, o 11º Regimento de Cavalaria de Ponta Porã, a 2ª Companhia de Fronteiras de Porto Murtinho, o 47º Batalhão de Infantaria de Coxim, a 14ª Companhia de Comunicações de Campo Grande, o 17º Batalhão de Caçadores de Corumbá, o 66º Batalhão de Infantaria Motorizada de Cáceres, o 9º Batalhão de Engenharia e Combate de Aquidauana e dezenas de outras unidades da Marinha, Exército e Aeronáutica.

Todos esses órgãos têm consciência da gravidade da situação, informa a 5ª Seção da 9ª Região Militar, e sentem que somente eles poderão resolver a situação, reintegrando aqueles 152 mil quilômetros quadrados ao que se pode chamar de território nacional: "Hoje é como se o Pantanal pertencesse ao Paraguai e à Bolívia. E não vai ser fácil reconquistar o terreno perdido, só a união do Exército e do 8º Distrito Naval de Ladário, com sede às margens do rio Paraguai, poderá evitar que o Pantanal se transforme num caldeirão maldito e perigoso de piranhas famintas, que ceifarão muitas vidas e tornarão imprestáveis suas águas" — relata um oficial da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com jurisdição sobre o 10º, o 11º e o 17º Regimento de Cavalaria, além do 9º Grupo de Artilharia de Campanha.

No desabafo de um oficial em of the records, o retrato da crise:

"É crescente a revolta entre os soldados, e mesmo entre os 12.640 oficiais de carreira do Exército, o que se reflete por todos os 132 mil homens em armas do País, que sabem muito bem que a corporação está perdendo outra Guerra do Paraguai com essa história de coureiros. E todos sabem que a ineficiência das tropas imperiais no combate aos paraguaios é que mostrou a necessidade de o Brasil dispor de um Exército permanente. A história se repete agora: apesar de competentes, estamos ineficientes contra um inimigo que invade a Pátria, saqueando e pilhando propriedades, atemorizando a população e crivando de balas os faros combatentes que se opõem heroicamente a eles, sem poder de fogo ou recursos para colocá-los para correr. E como não há mais índios Guaiurus para espantar os invasores, a segurança nacional fica fraudada, a descoberto, ao bel-prazer das quadrilhas. Em nossos exercícios e manobras, não apanhamos ninguém por motivos óbvios: eles dispõem de um eficiente serviço de contra-informações. E como fora dessas ocasiões especiais estamos proibidos de nos imiscuir nesses assuntos, relegados à Polícia Militar e ao Departamento de Polícia Federal, temos de assistir de longe à continuação da bandalheira e do massacre, lutando contra o tédio e a rotina propícia à barriga, enquanto isso..." — termina o desabafo do militar, que diz que até no Verde

Oliva, jornal editado mensalmente pelo Centro de Comunicação Social do Exército, começam a aparecer cartas de outros insatisfeitos com essa situação.

Esperando ordens

Fica claro, entretanto, que somente uma portaria do ministro do Exército pode autorizar o efetivo militar a combater os contrabandistas de couro e coca, cancelando o ordem em contrário expedida quando se constataram subornos e corrupção envolvendo coureiros e chefes de postos fronteiriços, contrabandistas de tóxicos e bebidas e oficiais graduados. "Sem uma portaria nesse sentido, continuaremos sabendo dos nossos supostos feitos nessa área através dos jornais" — ironiza outro oficial, referindo-se às notícias veiculadas pelo IBDF, dando conta de que as Forças Armadas, a Polícia Federal e o IBDF estariam promovendo uma "ampla investigação" sobre o contrabando de peles, "como se houvesse o que investigar, como se não soubéssemos quem são Luiz Thimóteo Mógica, Luiz Mário Sabatell, Hélio Gordo e outros nomes importantes que servem de testas-de-ferro para os vários grupos de coureiros que hoje se concentram em Posto da Manga e Aquidauana..."

Foi de Porto da Manga que saíram os bandidos que mataram o soldado Eluser Vital Albuquerque, sabe-se no pequeno e acanhado QG da Polícia Militar de Campo Grande. Usando barcos alugados ou adquiridos na região, os coureiros entraram na Fazenda Tupacirê há mais de um mês, e já haviam enviado várias remessas de couros para a Bolívia e Paraguai, tanto por via fluvial quanto por via aérea. Diariamente os aviões sobrevoam, atentos aos pequenos sinais previamente combinados: a presença de uma simples bacia ou pano vermelho no telhado de uma casa significa, por exemplo, movimentação de peões armados ou tropas da PM na região, o que leva o piloto a levar a notícia aos acampamentos de coureiros, dando vãos razzantes para aconselhá-los a manter-se escondidos ou retornar à base. Tal esquema, no entanto, não funcionou no último dia 21.

— Em menos de duas horas reunimos os voluntários e nos colocamos a caminho, utilizando soldados que estavam de férias

ou de licença para não deixar o pessoal de ser despertado suspeitas entre os olheiros dos contrabandistas — explica o capitão Jonas Paes, da Companhia Independente da Polícia Militar de Aquidauana, um oficial que esteve sujeito a reprimendas neste fim de semana, na missa de sétimo dia do soldado Eluser. Motivo: ele foi franco ao JT, ao anunciar sua decisão de abandonar toda e qualquer fiscalização contra o contrabando de peles silvestres.

O comandante do Policiamento do Interior, tenente-coronel José Reis Pouso Salas, reconheceu a veracidade de todas as informações dando conta da precariedade da Polícia Militar, mas com uma ressalva: "Suicídio ou não, vamos continuar enfrentando os coureiros, pois juramos honrar nossa farda, se necessário com o sacrifício da própria vida. A morte no cumprimento do dever é algo que não deve atemorizar nenhum policial, pois é a consequência de sua bravura e de sua coragem. Nem que fosse de mãos limpas, sem faca ou qualquer canivete, a gente continuaria a dar combate aos criminosos, razão pela qual a informação do capital deve ser entendida como um desabafo e nunca como capitulação diante do dever impossível ou impraticável..." — argumentou o oficial.

Realidade

Do ponto de vista disciplinar, continua o oficial, a declaração de impotência do capitão "é algo grave, pois mesmo paralisado e ferido, sem recursos e encurrulado, o policial tem de levar adiante sua missão, não se admitindo recuos. Agora, do ponto de vista humano e emocional, as palavras do capitão expressam a realidade pura e simples, trazem o retrato de uma situação que esperamos seja eliminada pelo novo governo. O desespero da viúva do soldado abatido, o medo e apreensão das famílias dos soldados, tudo isso são reflexos da falta de meios e condições. Estes últimos podemos receber de fora, mas a coragem é algo que a adversidade tempera e o perigo forja; se vacilarmos um momento quando a situação está crítica, perdemos a moral da tropa, o que é inadmissível: não existe uma polícia real-

mente satisfeita com os recursos que possui no mundo inteiro, e não seria a nossa a exceção nesse quadro todo. É claro que esperamos o apoio e o respaldo das autoridades, a ação conjunta com as Forças Armadas, mas, enquanto esperamos que isso se torne realidade, nossa obrigação é continuar investindo contra os assassinos de animais tutelados pela União, contra os invasores que saem do Paraguai e da Bolívia e sem passaporte ou licença vêm pilhar fazendas, carrear gado alheio, capturar araras em extinção, onças derradeiras e uma ou outra ariranha que porventura tenha sobrevivido à chacina..."

A exaltação à bravura e a exortação ao sacrifício, porém, não surtiram muito efeito entre os policiais de Aquidauana no sábado, durante a missa pelo companheiro morto; tampouco a tentativa de transformá-lo em herói oficialmente, dando seu nome à unidade local. Na véspera alguns informantes da PM acusaram a chegada de alguns dos contrabandistas que escaparam do tiroteio do domingo anterior, confirmando-se o que o JT descobriu ao visitar a região: o acampamento que os policiais invadiram ficava a 300 metros de outro acampamento, onde os fugitivos encontraram acomodação e lugar nas embarcações para a fuga ao cerco dos PMs.

Chegaram com a cara mais lavada do mundo, e se duvidar são capazes de aparecer na missa... — comentava um oficial, desesperado com a situação: por mais que o comando estadual desminta, a realidade é que a Polícia de Aquidauana não pode mais confrontar-se com os coureiros em condições de desigualdade, razão pela qual vai limitar-se a proceder como os demais órgãos responsáveis pela situação — reagindo lentamente às denúncias, mas sem exagerar, como o Inamb, que protela a adoção de medidas de emergência até uma semana depois do pedido de socorro ou alerta de moradores... E dificilmente encontrará novos combatentes pela frente.

Também os policiais, a exemplo do futuro governador, acham que a solução para os problemas está em São Paulo, no QG do II Exército, de onde devem emanar as ordens necessárias à mobilização de suas forças na região. Sabe-se, por outro lado, que no quartel do Ibirapuera indicam Brasília como instância adequada para esses assuntos sobre invasão de fronteiras, crime contra a fauna e tráfico de drogas, pedras preciosas, café, soja, bebidas, artigos eletrônicos etc. Mais precisamente o ministro de Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, que esta semana receberá em audiência o Conselho Deliberativo da Oikos — União dos Defensores da Terra —, encaminhado até seu gabinete pelas autoridades do II Exército, para quem o problema relatado pelo *Jornal da Tarde* foi convertido em processo que se encontra em tramitação no Conselho de Segurança Nacional, que o ministro secretário.

Inatividade

Enquanto o ministro não se manifesta oficialmente sobre o assunto (considera a ação das quadrilhas de invasores paraguaios e bolivianos um assunto "meramente policial", segundo seus assessores), as unidades de fronteira permanecem inativas, deixando livres das patrulhas preventivas os mais de três mil quilômetros de divisas com a Bolívia. O que não só impede de receber informações dando conta que o novo governo, depois de perder a batalha contra a cocaína, resolveu investir contra os industriais de couros silvestres. Motivo: sonegação de impostos mediante envio clandestino de produtos naturais para o Exterior. Oficialmente, a Bolívia só exportou 33.611 couros para os Estados Unidos no ano passado, além de outro tanto para a Europa, "quando os próprios empresários falam sobre o beneficiamento e exportação de um milhão de peles no ano passado, além dos 900 mil ou 1,1 milhão igualmente exportados pelo Paraguai" — informa um oficial atento às estatísticas sobre exportações, que o deixam informado sobre o que está acontecendo: "Posso calcular em três mil o número de coureiros em ação no Pantanal atualmente, pois somente um exército dessa ordem conseguiria produzir tantos estragos. Há mais ou menos uma dúzia e meia de aviões dedicando-se ao transporte desse material, além de dezenas de barcos. Não incluem nesse número os fazendeiros que se aliciaram aos contrabandistas, mas sei que são muitos; e tampouco os fiscais corrompidos do Inamb, do IBDF e da Sudepe, que formam um trio lamentável nessa história toda. Um exemplo? Com a morte do soldado, o coronel Adone Collaço Sotovia determinou ao posto de Corumbá que esvaziasse seus depósitos, expondo ao público peles velhas apreendidas no passado remoto, para tentar dar a impressão de que está atento ao que se passa..."

A mis-en-scène do Inamb, a apresentação de 1.200 couros de jacaré, algumas tarafas e redes de malha fina mereceu neste fim de semana o repúdio da Fundação para a Conservação da Natureza do Mato Grosso do Sul, cujo presidente, Astúrio Ferreira, denunciou "a farsa e o desprezo pela inteligência da população do Mato Grosso do Sul, cansada de saber das ligações escusas e benefícios ilícitos que campeiam entre quem deixa de zelar pelos peixes e pelos animais silvestres do Pantanal. Tentam impressionar o futuro governador, como se este já não soubesse quem são eles..."

— Quem são eles, governador?

— São bandidos, estrangeiros ou maus brasileiros, que confiam que nada aconteça e eles possam exterminar, em 83, outros milhares de bichos; são pessoas que certamente não têm sete netos, como eu, para mostrar quão maravilhoso é o mundo em que vivemos. Se tivessem filhos ou netos, pensariam antes de exterminar esse mosaico caído do paraíso — termina o governador, que hoje recebe um plano detalhado sobre como acabar com a pesca predatória no Estado, valorizando o pescador artesanal e impondo sanções e obstáculos aos frigoríficos que hoje extraem as quantidades de peixes que querem dos rios pantaneiros. E jacarés que repassam aos coureiros, claro.